



A NOVA RAINHA DA ROMANIA (Cliché Chusseau-Flaviens)

Segunda série — N.º 454

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 2 de Novembro de 1914

Dirêtor: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, L.ª DA
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPANHA:

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SECULO, 43

Edição semanal do jornal
O SECULO

Trimestre... 1820 cent. Numero avulso
Semestre... 2840 *
Ano..... 4880 * 10 centavos

Agencia da ILUSTRACAO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276

PORTO—49, Rua dos Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa. 605 — Porto, 117**

CAPITAL	
Ações	360.000\$000
Obrigações	\$23.940\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$000
Réis	950.340\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria

das fabricas do Prado, Marianaia e



Colegio Nacional —SANTAREM—

Internato de 1.ª classe para meninas. Professoras estrangeiras, piano, canto, pintura, arte applicada, etc., etc.

MOZAIÇOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.ª
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
TELEPHONE 1214 — LISBOA



PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percallie de fantasia para encadernar o **primeiro semestre de 1914** da "Ilustração Portuguesa". Desenho novo de ottimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. En- tam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do co releu ou selos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespleio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo"
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Pele sefinosa, macia, avelludada, reunindo tambem dezinfecção rigorosa, e que tudo junto, representa **SAUDE!**

UZAE
O
Sabonete

DR. CAMARA PESTANA

ALCATRÃO COMPOSTO

NETTO, NATIVIDADE & C.ª — 19, Rua Jardim do Regedor, 21-A

Sabonete preparado com os saes das Aguas

de **Mizella**

o melhor para a pelle

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-00 ASCENSOR

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 454

2-11-1914

Bêbê real

A princesa Vitoria Eugenia tem cumprido com um escrupulo verdadeiramente inglez os seus deveres de rainha de Hespanha: produz, pontualmente, um filho cada ano. O infante que acaba de nascer, sexto génito viavel, loiro, cinco quilos, uma grã-cruz e o Tosão d'Ouro ao pescoço, é um excelente bêbê real — e



vae chamar-se Gonçalo. Não será, decerto, por falta de sucessão, que hão de correr perigo os interesses dinasticos dos Bourbons de Hespanha. Mas, a succederem-se com tão afiltiva pontualidade os partos da illustre princeza e os aumentos da lista civil — é para reccear, muito pelo contrario, que a dinastia perigue por excesso de sucessão. Os povos querem que as suas rainhas sejam fecundas, — mas não exigem tanto.

Expedicionários

Parte amanhã para Angola um batalhão da marinha portugueza. A attitude de Portugal perante o conflito europeu não podia deixar de ter consequencias. Uma das suas consequencias immediatas são as rebeliões, mais ou menos extensas e mais ou menos intensas, que o fermento alemão está produzindo nas populações indigenas da Africa Occidental. A neces-



sidade urgente de dominar esses movimentos e de afirmar pelas armas a soberania nacional ameaçada, leva amanhã quinhentos marinheiros portuguezes para a região do Cuamato.

Vão cumprir o seu dever. O mesmo sol africano que ha quatro seculos viu sangrar as primeiras cruces de Cristo nos primeiros latinos de caravela, — ha de saudal-os, como a velhos amigos, ao vê-os passar.

S. Carlos

Ha tempos, a exploração do teatro de S. Carlos, de tão gloriosas tradições, foi adjudicada por tres anos a uma empreza hespanhola. Pelo respetivo contrato, o Estado e a empreza contrairam obrigações, mas, ao que parece, nem a empreza nem o Estado as cumpriram. Posta a

questão no terreno juridico, a empreza pede indemnisações ao Estado, — e o Estado, que deixou de cumprir determinadas obrigações que se impozera, não pôde rescindir o contra-

to que fez. Os tres anos da adjudicação expiraram no dia 14 do mez passado. E entretanto, o emprezario illustre que é o visconde de S. Luiz Braga, para poder dar espetaculos no teatro de S. Carlos, tem de contratar, não directamente com o governo portuguez, — mas com uma empreza estrangeira.



A «Messejana»

A ultima aventura monarchica deu á policia o ensejo de descobrir uma terrivel associacão secreta, — o «Baluarte da Messejana MX2». Foram apreendidos punhaes, mascaras, balandras encarnados, sen-

tenças de morte, — e presos o João das Boiças e outros ingenuos e tenebrosos cidadãos, incompletamente analfabetos e completamente tolos, que se permitiam a illusão inofensiva de ter assassinado toda a gente. Felizmente, todos os carbonarios da «Messejana» estão na cadeia, — e todos os mortos se encontram de perfeita saude.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

Sonho de uma alvorada de abril

As boas fadas, entrando certa manhã luminosa, cheia de aves e de rosas, na trapeira desagasalhada de Margarida, coixaram alegremente:

—Fazes hoje dezoito anos e tens sido desgraçada. O teu corpo é uma flôr na primeira manhã da adolescência: a tua beleza virginal irradia luz e graça. Queremos que sejas feliz, para que as lágrimas não queimem a doçura e a suavidade dos teus olhos e para que na tua alma as ilusões floresçam como os cravos brancos em junho. Vamos levar-te ao Palácio da Ventura, que está isolado de toda a dor humana por flamejantes portas de ouro, e onde alguém ansiosamente te espera!

Com que alvoroço Margarida escutou esta fina, maravilhosa promessa! Estava ainda deit-

tada no seu pobre leito desconfortável, com os cabelos louros, que lhe aureolavam a fronte, desmanchados em anéis sobre a alvura da roupa. A sonolência comunicava-lhe uma lassidão que a invadia — e já o sol entrava, fulvo, ardente, pelas frinchas da janela do seu quarto. Saltou da cama, espreguiçou-se lentamente, correu a vidraça. A claridade, entrando a jorros, feriu-lhe a vista, fazendo-lhe bater as palpebras.

O dia alvorecera lindo. No céu azul resplandecente não havia mancha de nuvem. Os passaros cantavam entre as ramarias cobertas de folhas novas. De fóra, do ar livre, vinha o aroma dos vergeis.

—Depressa! Veste-te depressa, que a felicidade é impaciente e não pôde esperar! — exclamavam, rindo, as boas fadas.

Margarida principiou a vestir-se com ligeireza. Sentia-se contente. O coração palpitava-lhe, pulsava-lhe fortemente no peito. O' aquela inesperada visita! Como as divindades ocultas se tinham lembrado d'ela, da sua humildade, da sua tristeza, trazendo-lhe á existência, com um inefável encanto, uma pura esperança! O seio arfava-lhe, arredondando-se sob a «blouse» de chita. Havia mais vivaci-

dade e mais brilho no seu olhar, maior pureza nas suas harmoniosas fôrmas corpóreas que se desenhavam com nitidez nas roupagens leves. Que lhe queriam as doces mensageiras que logo ao romper da madrugada apareceram na sua trapeira para a inquietarem, mostrando-lhe a fortuna? Até áquele momento, nunca o menor sobresalto alvortára a serenidade em que vivia. Resignada á miséria, não invejava ninguém. Ia matinalmente para o *atelier*, onde ganhava o pão, costurando, e recolhia á noite á mansarda de aluguer onde se refugiára, depois que a mãe lhe morreu, deixando-a só no mundo. O amor passava por ela sem lhe reparar na formosura, sem acordar ambições, sonhos adormecidos no seu espirito. O isolamento que a envolvia não era

perturbado por aspirações de uma ternura que desconhecia e de que chegava a ter medo, se n'ela pensava em horas de meditação e de saudade.

—Mais depressa, mais depressa! — murmuravam as boas fadas.

Margarida embrulhou-se no chailé e saiu para a rua. Era um domingo. A cidade bocejava ainda de sono, mas os mercados, as praças, as ave-

nidas, começavam a movimentar-se.

—Caminharemos sempre ao teu lado, inviolavelmente, para que os seres humanos, futeis e maus, não nos vejam. Guiaremos os teus passos! — disseram-lhe as companheiras.

Absorvida no seu enlevo, Margarida marchava jovialmente através dos passeios, sem fadiga e sem esmorecimentos. A cada momento, encontrava homens que a fitavam cubicosamente, mirando-lhe a gracilidade, a frescura, o viço e dizendo-lhe galanteios a que não respondia mas que a surpreendiam. Com efeito, nunca até essa hora reveladora a haviam notado! Muitas das raparigas que, com ela trabalhavam na oficina, tinham encontrado noivos, casaram, eram já mães de filhos, viviam satisfeitas ou desditosas; mas a ela, pobresinha e nubil, ninguém a quizera, de certo porque a sua penúria ou o seu abandono, as-



sustavam os namorados. E agora, nessa profética manhã, a candura e a inocência do seu rosto parecia impressionar fundamentalmente os que a contemplavam!

O sangue circulava-lhe aceleradamente nas veias e afogueava-lhe as faces. Suspirava de alívio e de consolação.

A cada instante surgiam diante d'ela repousadas vivendas aninhadas entre jardins, fazendo-a cismar na paz que lá dentro existiria. Cabecinhas virginaes de crianças afloravam ás varandas, no resplendor matinal. E ela continuava a caminhada, sem que os seus passos afrouxassem — porque essa jornada seria uma iniciação.

— Mas para onde me levam? — interrogou ela.

— Para o Palácio da Ventura, já t'ò disse-mos — responderam-lhe as boas fadas.

— Fica ainda muito longe?

— Fica! Mas nada temos. Vamos aqui, ao teu lado, para te guardarmos e para te conduzirmos!...

As casarías citadinas, formando uma linha irregular e policromica, estavam já muito distantes e mal se ouvia o rumor do burgo. Margarida cortava através dos campos recobertos de relva estrelada de botões de ouro e de boninas d'uma brancura de neve. As saias impregnavam-se-lhe do cheiro das ervas húmidas e dos fenos cortados. Regatos de claras águas corriam e cantavam, por entre a verdura, a enternecida canção dos idílios ruraes. O que a primavera estava fazendo na terra fecunda, sob o bom e fulgurante sol de Deus! Semanas antes ainda as arvores sem folhagens erguiam para o alto os ramos musgosos, como braços implorativos que se torcessem n'uma supplica. Pelo chão queimado das soalheiras nem uma corola nem o grito d'uma còr estridente. E agora, as flôres e as folhas brotavam dos galhos como num milagre, derramando sombras veludosas e perfumes excitantes! Sarças e sebes renasciam. Por entre as madresilvas cheirosas, por entre as trepadeiras, resoava a musica inspiradora dos ninhos: os melros assobiavam pelas moitas, errava no ambiente a cantiga bucolica e flutuante das fontes, prados e veigas revestiam-se de arrelvados e de florescencias, como se a primavera por ali tivesse arrastado a longa cauda do seu manto constelado!

E este renascimento experimentava-o Margarida no proprio ser. Os seus olhos e o seu sentimento vislumbravam alguma coisa que constantemente ignorára, nas suas carnes estremeada um desejo, era mais energica a sua vontade, mais fecunda a sua ancía.

— Fica ainda muito longe o Palácio da Ventura? — perguntou novamente.

— A Ventura fica sempre longe dos que a ela aspiram e que desconhecem a vereda que lá vai dar! — exclamaram as boas fadas com um sorriso. Quantos ha que, para a alcançarem, andam toda a vida e continuamente em vão! Principiam a viagem quimerica na mocidade e já na velhice ainda a perseguem sem resultado!

— Mas então!... — lamentou Margarida.

— Tranquilisa-te! Tu terás mais sorte do que esses de que te falamos, porque fôste até á adolescencia mais ferida pelo infortunio. Nem todos tem as boas fadas por madrinhas!...

— Chegaremos lá ainda hoje?

— Sim, chegaremos. Estamos proximas. Vaes vêr!...

Margarida entrava num bosque cerrado e umbroso, onde o ar era vivo e aromatico. As ramagens de arvoredos seculares semelhavam uma imensa cupula de verdura e faziam entre os troncos uma deletitosa e branda penumbra. Bandos de borboletas, pousando de ramo em ramo, pareciam flocos de neve em que se acendiam todas as irisações, todos os reflexos da aurora nascente. O silencio apenas era quebrado pelo gorgolejar das águas e pelo canto plangente de aves azues, que voavam, em ranchos, sobre a cabeça da adolescente. Margarida tomada de medo, hesitou.

— Não tenhas receio! Ninguém te fará mal! A floresta é deserta. Vamos na tua companhia — disseram as boas fadas. O Palácio da Ventura está numa clareira d'este bosque...

Recobrando a tranquillidade perdida, ela internou-se afoitamente na densidade das arvores e das folhagens. Os seus pés afundavam-se nos grandes tufos de lírios tão brancos que dir-se-iam talhados n'uma geada sem mancha. As amarilhos bracejavam para todos os lados as suas florações. As roseiras enroscavam-se, como serpentes iradas, nos nodosos troncos, trepavam até ás copas e despenhavam-se em grinaldas, em festões que uma perfumada aragem balouçava. Diligentemente, bandos de abelhas douradas procuravam, zumbindo, o mel nas corolas que se exalavam em halitos rescendentes. Uma viração lenta fazia vibrar as cordas de harpas cólicas suspensas das faias e dos amieiros, espalhando uma celeste musica por todo o bosque.

— Que lindo! — bradava Margarida, enlevada e batendo as palmas.

— Ainda não é tudo! O mais lindo está para vêr! — prometiam as boas fadas. Caminha, caminha sempre.

A' beira de lagos profundos e de águas translucidas, cegonhas de bico còr de rosa e garças de pescoço ondulante espreitavam por entre as aloendras em flor: e pequeninos barcos ageis, governados por cupidinhos de niveas azas sobre os hombros, navegavam docemente, ao som dos canticos e das frutas pastoris.

De surpresa em surpresa, Margarida continuava a marcha, extasiando os olhos em tanta beleza admiravel, calcando as miosotis floridas que alfombravam os atalhos para que se não magoassem os pés dos iniciados. De repente ouviu atraz de si gargalhadas ironicas. Comovida, parou. Os faunos, os silvanos, as ninfas, as nereidas, saindo das espessuras, vieram rodeal-a, saltando, pulando, farrandolando á sua volta.

—Como vae gentil a noiva para o seu noivado!—diziam em gritos estridulos.

—Tem cautela! Tem cautela! Os anceios da alma são enganadores!

—Quantas aqui teem vindo, como tu, procurar a felicidade e de cá saíram mais melancolicas e lamentaveis do que eram!

—Minha filha, vae-te embora, volta para a tua mansarda, para a tua costura, para a tua humildade. Não dês ouvidos a palavras perdidas nem te fies em ideaes irrealisaveis. Conserva a tua candidez e a tua ingenuidade!...

Desalentada, Margarida escutava aqueles avisos e tinha vontade de chorar. O coração batia-lhe descompassadamente no peito: mas, as boas fadas acudiram em seu socorro, brandando para os habitantes da floresta:

—Fóra d'aqui!

Imediatamente, todo aquele mundo infinitamente pequeno se sumiu nos arroyos, nas fontes, nas folhagens, cascalhando uma risada humoristica.

—Continua!—intimaram as boas fadas a Margarida. Estamos perto.

mente, surdindo diante de Margarida uma sala de porfiro lavrado, iluminada por uma luz de um tom de opála chamejando em lampadarios cinzelados e fulgurantes de pedrarias. A solidão apavorava e Margarida empalideceu de pavor. Mas, então, as boas fadas, longe das vistas indiscretas, transformaram-se em mulheres de uma formosura sideral, que lhe sorriam com meiguice e a animavam.

—Mas tu sabes quem somos!—diziam elas.

—Não sei, com certeza!—afirmou Margarida.

—Pois somos os sonhos dos teus dezoito anos, da tua adolescencia e da tua virgindade. Agora, anda connosco. Foi para isto que aqui te trouxemos.

Levaram-n'a atravez de corredores sonoros e reluzentes, que uma claridade misteriosa tocava de uma vaga nevoa oirescente, até uma camara esplendida do riqueza onde o Amor, sobre um leito de rosas, dormia com um sorriso indefinido adejando na boca vermelha.

—Aí tens a tua aspiração de todas as horas. Desperta-o e realisa-a-has.



Recobrando o animo abalado, ela reenceitou a caminhada, e em breve parava diante de um jardim maravilhoso, em que toda a sorte de rosas e de flores se enlaçavam e trocavam os aromas, sob um ceu faiscante de luz. Um largo arruamento aberto n'uma areia mais macia do que a seda e em que se não sentia o ruído dos passos, conduzia a um sumptuoso Palacio de marmores e de alabastos resplandecentes, erguendo na diafaneidade da atmosfera torreões de lapis-lazzuli. As paredes, banhadas de sol, pareciam arder em coriscantes labaredas: e fulgurantes portas de ouro vedavam a entrada aos romeiros da ventura. Margarida, deslumbrada com tanto brilho e tremula de emoção, deteve-se n'um enleio que lhe causava sofrimento.

—Vá! Porque esperas?

—Mas as portas estão fechadas...

—Bate, que elas abrem-se.

Bateu, com mãos tremulas, e logo as portas de ouro rodaram nos gonzos, silenciosa-

Já Margarida, conturbada, estendia a mão, quando as boas fadas lhe disseram:

—Espera! Antes d'isso é preciso que vejas uma outra imagem.

Abriam então uma janela que respirava para uma extensa planície e Margarida viu, caminhando nas relvas, embebidos na sua adoração, dois namorados de mãos dadas. No vulto da noiva, reconheceu-se a si propria. Que indizível dita, a sua! Debaixo dos pés, nasciam-lhe flores.

—Vê melhor! Afirma-te!—pediram as boas fadas.

Margarida afirmou-se, e recuou espavorida. Com efeito, seguindo a curta distancia o par amoroso, a Morte, com um riso sinistro na boca desdentada, rufava desesperadamente n'um tambor o epitallamio festival das bodas, tendo por baquetas duas tibias descarnadas!...



Portuguezes que em Manchester comemoraram a proclamação da Republica Portugueza no dia 5 d'Outubro d'este ano. De pé : srs. Manuel Romeira, E. Désirat Monteiro, Mario Nunes Pinho, Antonio Reis e Eduardo Maria da Silva. Sentados: srs. Fredericq Duarte, Amandio Telxeira Pinto, F. da Ponte e Horta, Antonio Maria de Freitas, Basilio d'Oliveira, Mario Amador e Pinho.

FIGURAS E FACTOS



O busto do ator Taborda, inaugurado no Jardim da Estrela.—(«Clíché» Benollel).

Homenagem ao ator Taborda.—No jardim da Estrela inaugurou-se ha dias o busto do grande e inegalavel ator Taborda, assistindo o presidente da Camara Municipal, sr. dr. Levy Marques da Costa, muitos escritores e actores. Tambem tomou parte na festa o ator Carlos Posser, o unico sobrevivente da comissão que teve aquella iniciativa. Os outros foram Vale, Floy e Leopoldo de Carvalho.



2 e 3. Exposição de crisantemos—Por iniciativa do sr. Evaristo Lopes Guimarães, realisou-se na «garage» da Avenida 5 de Outubro uma interessante exposição de crisantemos que foi muito visitada, e o seu iniciador muito felicitado pelos expiendidos exemplares que apresentou d'aquellas lindissimas flores.—(Clíchés de Benollel).



1. General Roca, antigo presidente da Republica Argentina falecido ha dias.



3. General Viriato Leão Cabreira, falecido ultimamente em Lisboa.



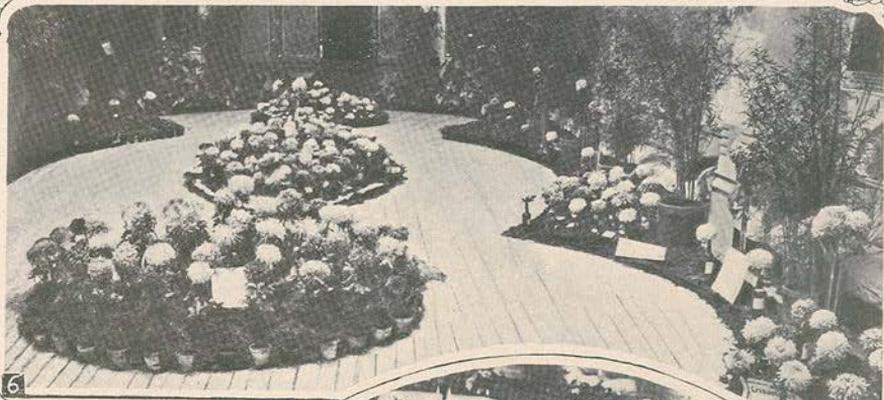
4. O sr. Alfredo Pinto (Sacavem), um escritor muito distinto, realçou ha dias nas Caldas da Rainha uma brilhante conferencia intitulada «A Caridade na guerra», no sarau promovido pela banda de infantaria 1, a favor da subscrição do «seculo» para os feridos da guerra, sendo muito ovacionado.



2. Sr.ª D. Maria da Conceição F. M. Neutel, falecida em Messines.



5. Sr. José Sabino Pereira, antigo chefe das nossas officinas de gravura falecido ha dias em Lisboa.



6. Vista geral da exposição

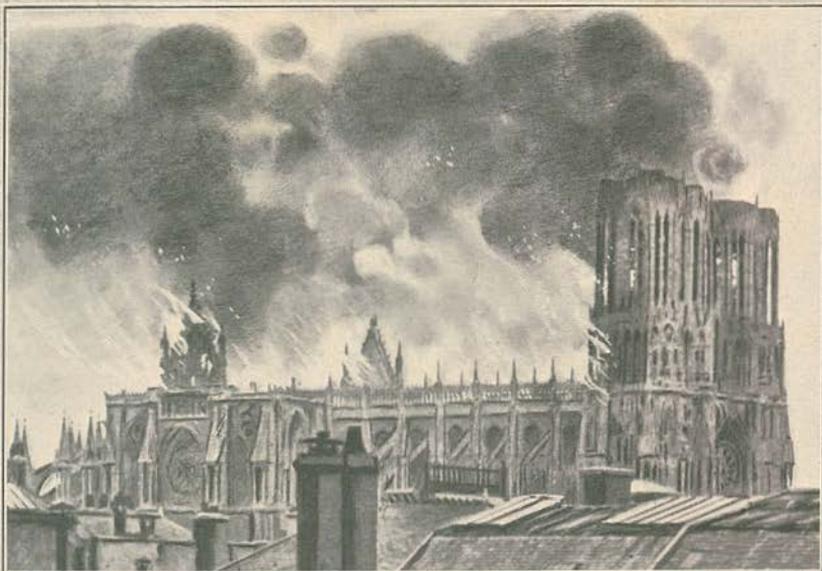
Na exposição de flores ultimamente realizada no Porto, os srs. Moreira da Silva & Filhos, que são conhecidissimos e uns horticultores distintos, apresentaram lindos exemplares de crisantemos e outras flores que foram altamente apreciados, tecendo-lhes os visitantes os mais francos e sinceros elogios.



7

7. Crisantemos (flores cortadas) dos horticultores Moreira da Silva & Filhos.—(«Clichés» do distinto fotografo amador sr. Chaim Junior).

A CATEDRAL DE REIMS



Em Metz. A tarde desce lentamente,
Grande silêncio em que ha misterio e dôr;
Cercam os generaes o imperador,
Quando a noticia esta de repente:

Fôra abatida — Oh! visão de horror! —
N'um aspêto selvagem, brutalmente,
De Reims a catedral, bela, imponente,
Do genio humano a maravilha, a flôr!...

Olhando então as nevoas do Mosella, ▶
O soberano julga apercebê-la
De chamas n'uma orgia, tórva e estranha...

E lá no cimo, sobre um torreão,
A Historia, erguendo alucinada a mão,
Amaldiçôa o imperio da Alemanha!

O. Guerra,



ARROZ EM PORTUGAL



importação. O Ribatejo, pela extensão das suas

Poucas culturas, das raras entre nós irrigadas, teem fases tão interessantes e movimentadas como a do arroz, cereal que, depois do trigo e do milho, mais ouro nos dre-na para os encargos da

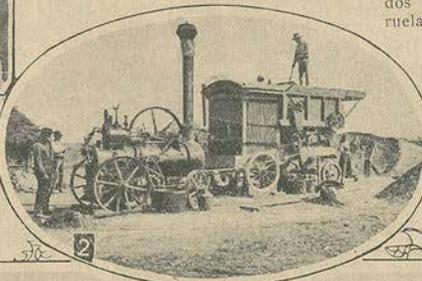
nhas das colheitas assumem maior intensidade n'um mixto de movimento e de trabalho a que estão sujeitos os povos que mourejam de sol a sol e que encontram na Terra-Mãe a principal razão do seu viver.

A colheita do arroz vem, entre nós, precisamente n'esta época. E' a ultima, e, como tal, representa a verdadeira despedida do verão.

A faina começou em março. Lavrou-se a terra, lançou-se-lhe a semente, encheram-se os canteiros de agua, fizeram-se as mondas, algumas vezes a des-ponta. Surgem as espigas de 15 de junho a 15 de julho; encheu o bago que em agosto começa a aloi-rar, e a haste que termina pela dourada espiga vê-se então vergando ao peso da riqueza laboriosa-mente acumulada. Chegou o dia tão ansiosamente esperado pelo arroeiro.

Param as bombas, cortam-se as leva-las, e a agua dos atagamentos escó-a-se pelas ar-ruelas, e o arrozal fica em seco pa-rra dar entrada às ceifeiras mecanicas que em poucos dias completam a tarefa. Meia semana de resteva para com-pletar o enxugo da palha, e o bago adquire uma cor mais uniforme começando então a empaveia, atada e condução para a eira.

A debulhadora, previa-



magníficas lezírias, variedade de culturas e importância das diversas explorações agrícolas é, talvez, de todas as regiões do paiz aquela onde as campa-



1. Um pé d'arroz com 110 filhos—2. Máquina de limpar o arroz—3. Ceifeiras passando n'uma seara de arroz

mente preparada, com dentadura nova e apropriada ao fim a que se destina, é invariável no seu labor, ao mesmo tempo celere e metódico.

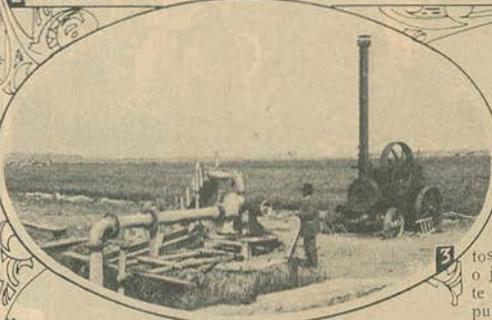
A mólharia desaparece como por encanto; os frascos sucedem-se e de todo aquele acelerado voitar de rodas, tambores e volantes que faz gemer chuma-ceiras, ranger crivos e matraquear correias, resulta uma abençoada combinação de sons que prende e encanta. Rapidamente nos aparece a palha separada do arroz, e este, livre das impurezas, corre no boquete para carros ou sacos debitando uma media de 30 qui-



logramas por minuto. Está concluída a tarefa do produtor; a segunda parte, descascar e polir, pertence a outra industria.

Portugal importa anualmente cerca de 30 milhões de quilogramas de arroz, que nos levam o melhor de 2:000 contos.

Equilibrar este «deficit» não era, talvez, impossível, se abandonassemos preconceitos que de longe vêm,—de camaradagem com o junquillo e a milhã que tanto prejudicam este genero de cultura,—e se o nosso agricultor puzesse em execução novas praticas, como proveitosamente vem fazendo os argentinos, os italianos e os nossos visinhos hespanhoes que ainda ha poucos mezes deram brilhantes provas dos



1. Pousada dos guardas n'uma eira de arroz
2. Levantando os molhos
3. Bomba centrífuga para irrigação de um arrozal

e pertença da Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, á qual a lavoura portugueza deve incontestáveis serviços.



Transportando arroz para a eira

seus progressos n'um congresso de orizicultura reunido em Valencia.

O Ribatejo começa a manifestar-se enveredando pelo caminho das culturas irrigadas. Confiamos que, dentro de poucos anos, a transformação será completa e proveitosa para os interesses da lavoura e do paiz.

Quanto mais se aproveitarem os nossos cursos d'agua e intelligentemente os applicarmos em beneficio das terras, mais depressa nos libertaremos dos sacrificios da importação, origem de todas as nossas difficuldades financeiras e... politicas, pois, segundo o aforismo: «Casa onde não ha pão...

Foram colhidas as breves notas que aí ficam, n'uma rapida visita feita ás terras do Porto do Seixo, perto de Samora Correia



Juntando o arroz

Pejos «lichs» que então fizemos e que hoje oferecemos á curiosidade dos leitores da «Illustração Portugueza» se pôde avaliar com quanto afan e entusiasmo se trabalhava n'essas paragens, tratando-se de tudo com a maior urgen-



Levantando um calcadouro n'uma eira de gado



balha nos domínios da Companhia das Lezírias, e o interesse com que ela se lança nos empreendimentos de mais duvidosos resultados no propósito de dar novos impulsos á nossa agricultura, pondo em pratica processos e idéas que lá fora vão concorrendo para o bem estar e riqueza dos povos.

Outubro de
1914.
S.

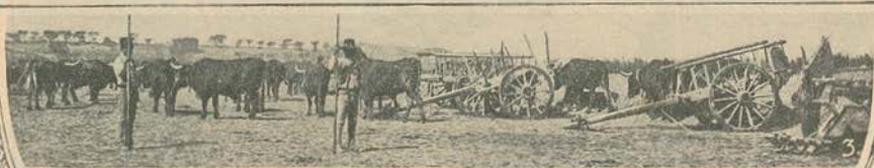
Um fermento durante a ceifa

cia, para que as primeiras chuvas do outono não viessem perturbar os labores da debulha do arroz, que este ano se levou a efeito por uns dias de belo sol, d'este sol acariciador e bom, tão habitual em terras portuguezas.

N'essa faina que de visupudemos apreciar, transparecia o critério e a boa ordem com que se tra-



Enchendo a sacaria



Bois de trabalho empregados na cultura do arroz

A Europa em guerra

Como a semana passada, diremos também esta que continua ainda indecisa a grande batalha, comquanto as notícias telegraficas registem sensíveis vantagens obtidas pelos aliados. Notamos que os alemães, no seu recio, tentavam assenhorear-se de alguns pontos do litoral do Mar do Norte, variando de tática.

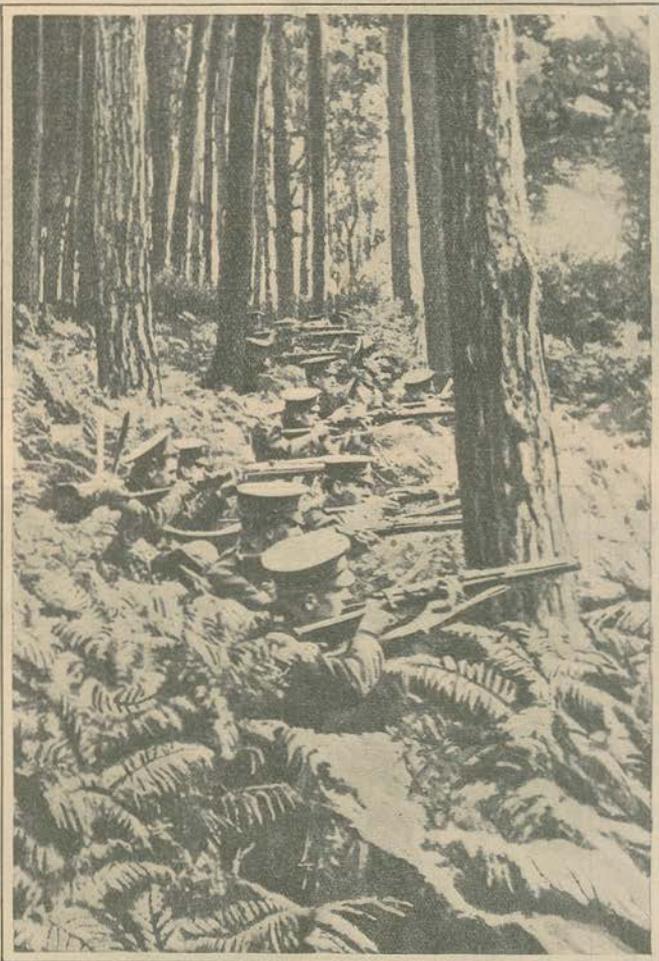
Efetivamente, assim aconteceu; mas não contavam com a poderosa artilharia dos navios ingleses que os tem varejado fortemente de Ostende a Nieuport. Ou, se contavam, propunham-se resistir-lhe com a celebre artilharia pesada, para cujo transporte até á costa se começaram a construir linhas ferreas especiaes. Mas para isso era necessario que os belgas se resignassem com o humilhante jugo alemão e nunca mais lhe perturbassem a ação vexatoria e absorbente, o que não aconteceu.

O belga não se conforma; não transige; não dá um momento de tregua ao invasor. Sempre que pôde, arma-se e combate-o com o vigor dos primeiros dias. Embarga-lhe e destróe-lhe tudo o que ele tenta fazer para consolidar o seu ignominioso dominio, e não admira muito que este espirito tenaz de revolta acabe por expulsar os alemães do territorio invadido.

E, expulsos da Belgica, falece ao imperialismo germanico não só o maior ponto d'apoio das suas operações, como

ainda — e o que mais é — elementos importantes de conquista com que ele podia obter por troca, quando se tratasse da paz, alguma das melhores parcelas dos seus dominios ultramarinos que se lhe vão desbaratando, ou, enfim, quaesquer outras compensações.

Aproximando-se do mar, os alemães tem o fito manifesto de hostilizar diretamente a In-



Soldados da infantaria Inglesa entrenchados. — (Clliche' Chusseau Plavier's).

glatera e de lhe tornar menos facil o desembarque de tropas no continente. Até hoje, porém, está provado que não



Transporte de material russo nos Carpathos

o conseguiu, porque as tropas continuam a desembarcar e a navegação inglesa na costa belga faz-se confiadamente, como sempre se tem feito, e ha-de



Um soldado belga acompanhando uma velha aterrorizada fora da zona do bombardeamento em Termonde.

seguramente continuar-se a fazer.

As ultimas noticias recebidas a o fechamos esta pagina assim o confirmam, assinalando varias derrotas dos alemães, tanto na extensa linha que vae dos Vosges a Ostende, como no litoral.





Prisioneiros francezes construindo canislações em Munster, Westphalia



Grupo de prisioneiros em Munster, Westphalia.—(«Glíchés» M. Branger).



Transporte de material russo nos Carpathos

o conseguiu, porque as tropas continuam a desembarcar e a navegação inglesa na costa belga faz-se confiadamente, como sempre se tem feito, e ha-de



Um soldado belga acompanhando uma velha aterrorizada fóra da zona do bombardeamento em Termonde.

seguramente continuar-se a fazer.

As ultimas noticias recebidas a o fechamos esta pagina assim o confirmam, assim analando varias derrotas dos alemães, tanto na extensa linha que vae dos Vosges a Ostende, como no litoral.





Prisioneiros francezes construindo canalisções em Munster, Westphalia



Grupo de prisioneiros em Munster, Westphalia.—(Clichés- M. Branger).



7



2



3



4

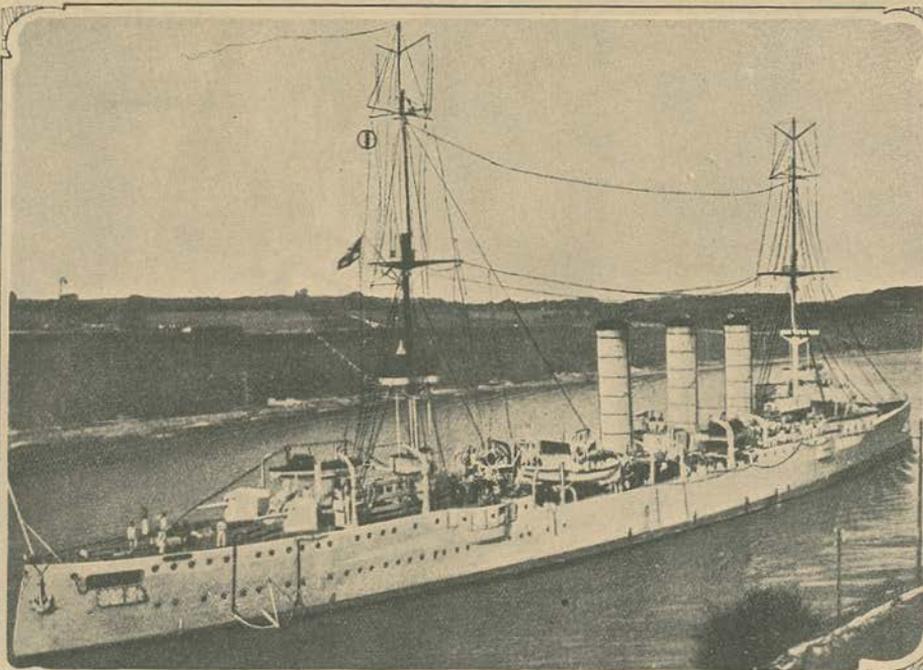


5

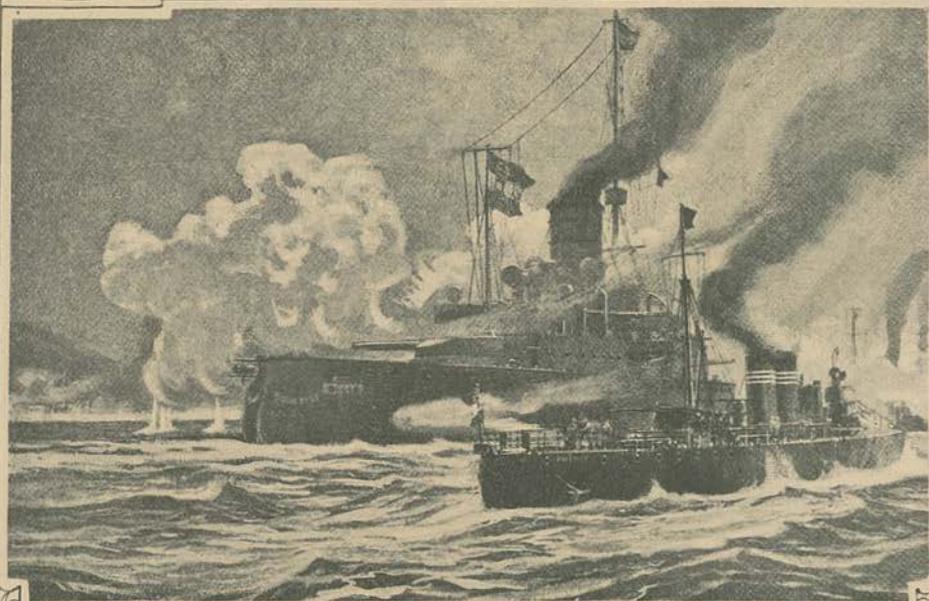
1. Transporte de um ferido belga.—(«Cliché» Chusseau Flavéns).—2. Uma metralhadora he'ga em ação.—3. O príncipe Oleg, filho do gran-duque Constantino, morto na Rússia.—(«Cliché» Chusseau Flavéns).—4. Os bombeiros abatendo as paredes dos prédios que ameaçam ruína em Soisson depois do bombardeamento.—(«Cliché» M. Branger).—5. Retirada precipitada dos habitantes de Anvers.—(«Cliché» de Chusseau Flavéns).



Depois de uma batalha no Alsne, enterrando os cadaveres



O celebre cruzador «Eindem»



A esquadra austríaca bombardeando Antivari



Como os alemães destroem no papel a artilharia francesa.—(Desenho da «Ilustração Alemã».)

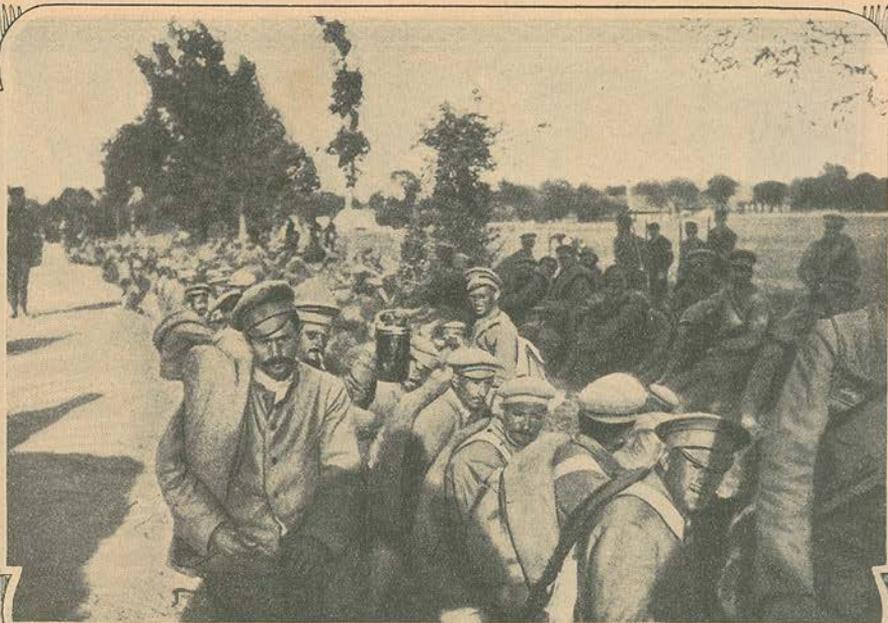


A multidão seguindo as evoluções de um
«Taube» sobre Paris.

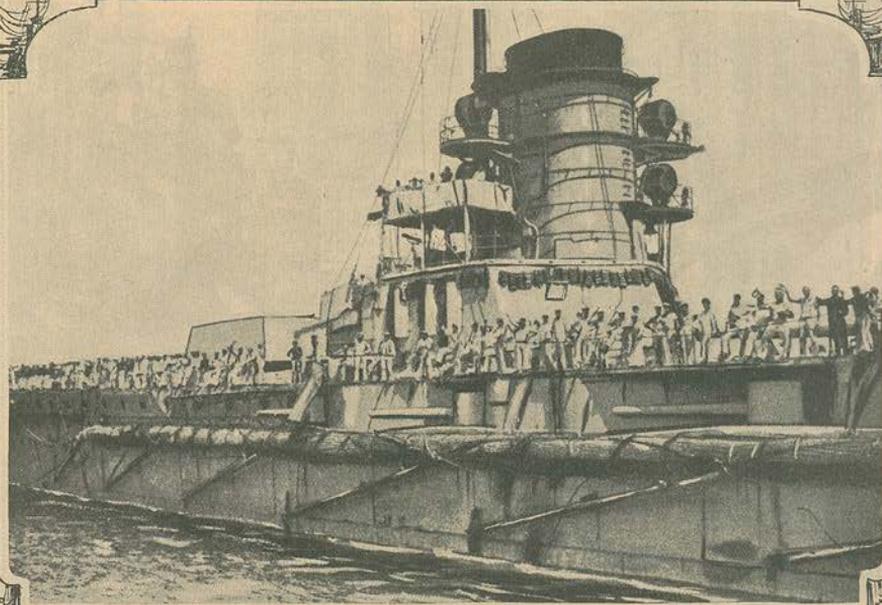
(«Cliché» - Chusseau Flaviens).



O estado maior austriaco, que vae sendo substituido por officiaes alemães



Um comboio de prisioneiros russos no campo austríaco da Galécia



O couraçado alemão «Goeben» com a nova tripulação turca em frente de Constantinopla



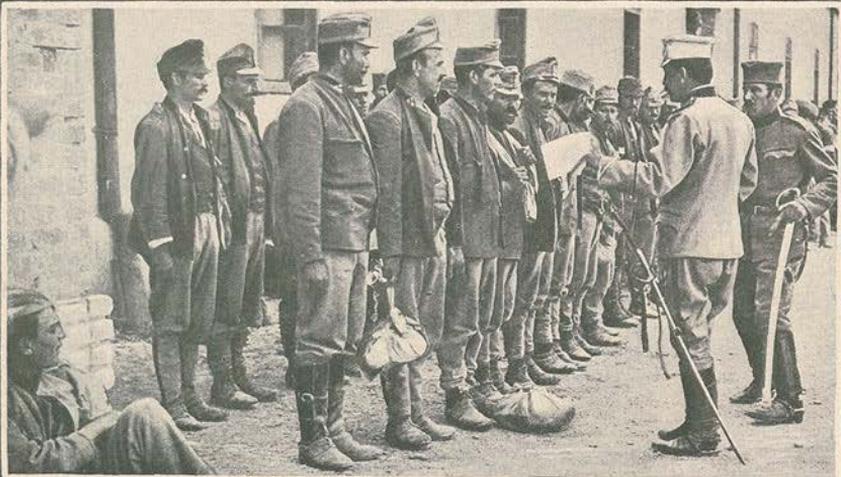
Antvers.—Avenida do «Kaiser» e a Catedral



Fraternalização entre soldados franceses e indios



Os francezes procurando mortos no alto de uma colina onde se travou um violento combate



Soldados austríacos aprisionados pelos servios e conduzidos a Nisch



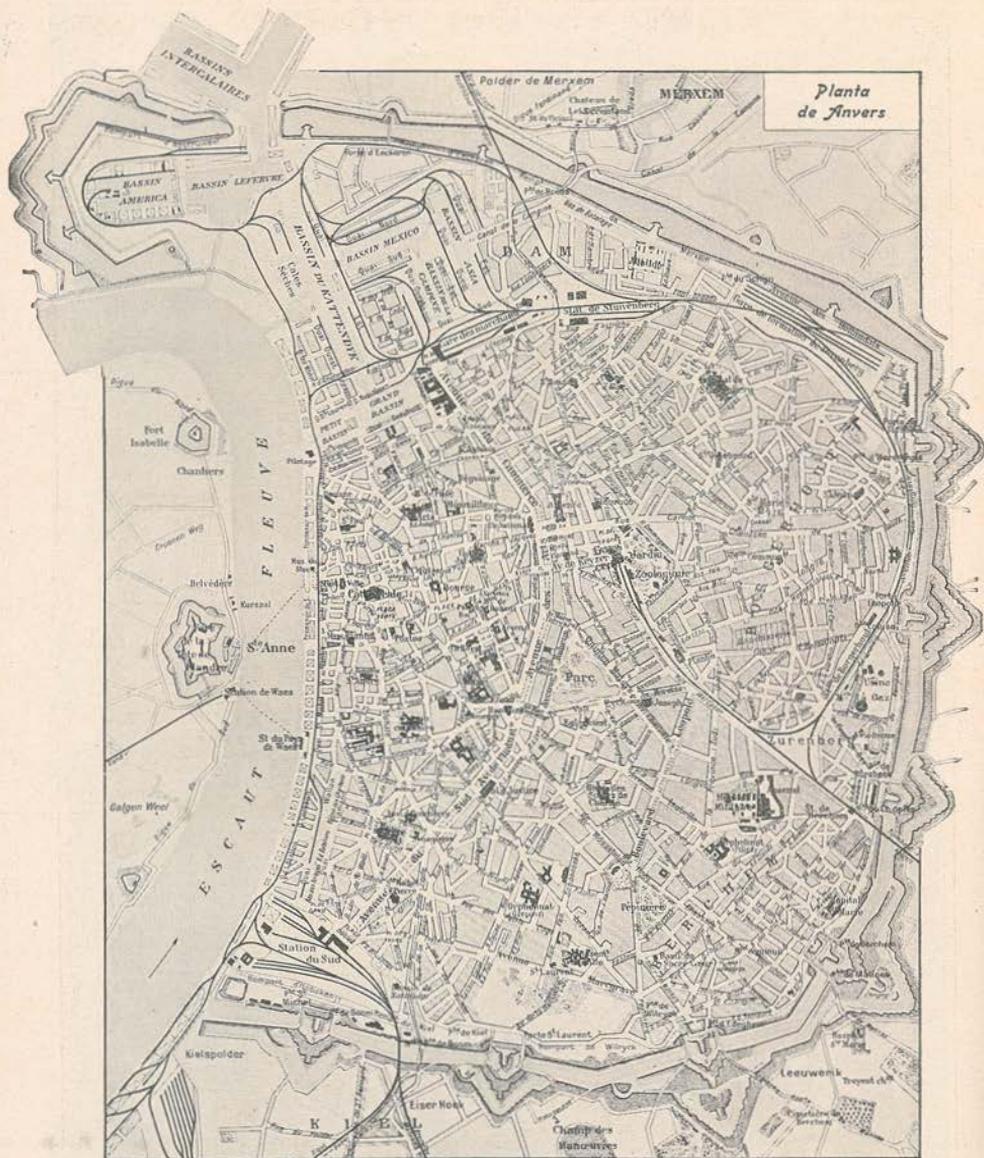
O príncipe de Gales servindo no regimento de granadeiros.

O generalíssimo Joffre e o general Castelnau dando ordens.



Os fugitivos de Anvers acampados em uma floresta da fronteira Roland

(«Gliché» M. Brangere).



Compreendendo os fossos que cercam a cidade e a ultima linha de fortes que a defendiam, constituindo uns e outros o seu ultimo reduto.

Não se sabe ainda quando esta cidade voltará ao poder dos belgas. Os exercitos aliados tem realizado os maiores esforços para o conseguirem, mas a atitude dos alemães é enérgica, parecendo que será demorada a realização das aspirações dos aliados.

Dizia-se, e com razão, que a cidade de Anvers era a melhor fortificada da Europa. Pela planta que pu-

blicamos vê-se o grandioso fosso que rodeava a cidade, guarnecida de fortes poderosos que se estendiam n'uma grande linha de defeza. Foram, como se sabe, inuteis os esforços dos belgas na defeza da sua cidade. Não contavam com esses infernaes projetos dos alemães, que tudo destróem, tudo arrazam e tudo reduzem a cinzas...

TERRAS DO NORTE

Braga, a princeza..

Braga, a princeza das remotas eras, como diz a canção, oferece, até ha pouco tempo, ao visitante, um aspéto muito desagradavel, ataviando-a louçanias antigas, quasi sistematicamente desprezando as inovações da moda, negligenciando esse *decor* de ostentação e de galhardia que caracteriza outras povoações menos importantes, mas que entenderam ser de necessidade dar alguns passos no caminho da civilisação e do progresso. Baseando-se nas tradições e lendas, a capital do Minho, do meu formoso e querido Minho, limitava-se a estardear perante o forasteiro ou o



turista as suas velharias historicas, tanto em monumentos como em usos e costumes — a Sé catedral, algumas inscrições romanas, as prerogativas que lhe conferia o primado das Hespanhas com o seu antiquissimo rito bracarense, as festas do S. João com a classica dança do

Rei David, o obsoleto e horrivel sistema de tração feito em carros americanos, que os naturaes denominavam «chocolateiras», e outras coisas mais que ha cincoenta, ha cem anos, teriam constituido, certamente, uma novidade e um melhoramento.

Demais, quem quizesse visitar Braga ape-



1. O illustre presidente da camara municipal, major sr. Albano Justiniano Lopes Gonçalves, no alto de Gualadupe, de onde se disfruta um dos mais lindos panoramas da cidade—2. Um grupo de pobres em frente do edificio da camara, onde foram distribuidas mil esmolas de trinta centavos



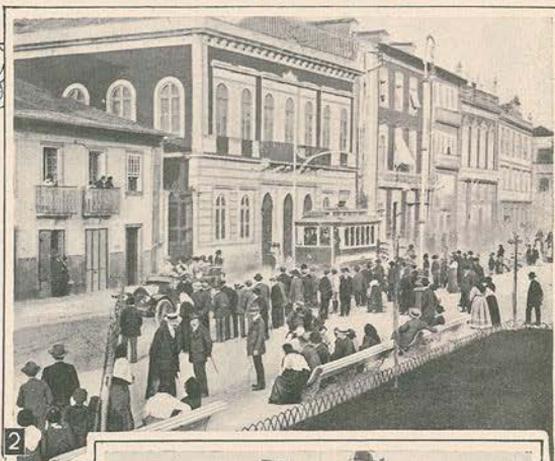
nas tinha a despertar-lhe a atenção admirável e surpreendente estância do Bom Jesus do Monte, sem duvida uma das mais belas do paiz, mas onde só se podia chegar após uma viagem pavorosamente maçadora, pejada de obstáculos, de incomodos e de perigos.

E tão avessos pareciam os bracedes d'outro tempo a tudo que pudesse significar progresso e civilização, que deixaram a linha ferrea encravada fóra das portas da cidade, sem ligação ao menos com os principaes concelhos do distrito e separada do Alto Minho, para onde o seu commercio e a sua industria poderiam ter saída facil e extraordinariamente vantajosa.

E' claro que o arrependimento mais tarde chegou, embora tardio, e ha muitos anos que Braga estagnava n'um marasmo retrogrado e entorpecedor, nenhuma iniciativa de largo alcance se tentando, raras vezes ao lado das velhas construções inesteticas e sujas, um edificio novo e elegante se erguendo, conservando-se em tudo, por toda a parte, a fisionomia incaracteristica e banal da casa rica e opulenta que as circunstancias reduziram a uma mediocridade nem dourada, nem honrosa.

Mas os que viram Braga ha quatro, ha tres anos mesmo, se lá forem agora, quasi não reconhecerem n'ela o burgo desprezado d'out'ora.

Uma vassoura de limpeza passou por todas as ruas, por todos os largos, por todas as praças, e os edificios teem já outra apparencia mais airosa e lavada, a cada canto se recortam lindos canteiros floridos, pequenos jardins caprichosos foram tallhados nos espaços livres, as principaes arterias receberam alinhamento, rasgaram-se grandes avenidas, a principal das quaes, a da Republica, é, sem contestação, uma das mais amplas e mais interessantes do paiz. Construções novas foram levantadas, dando á cidade um aspéto de grandeza e de importancia que até aqui

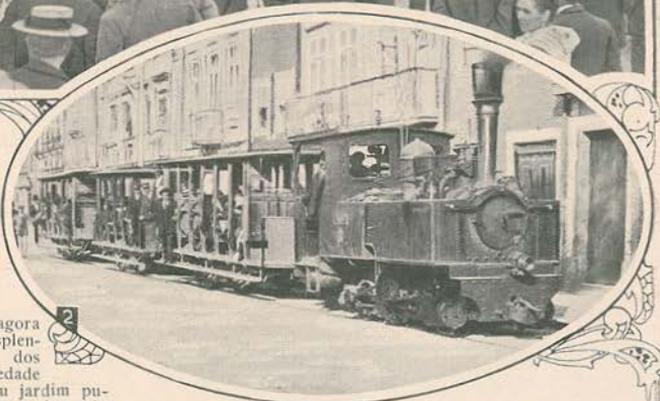


1. A nova Avenida da Republica (antigo Campo de Sant'Ana) e Jardim publico—2. O primeiro electrico que fez a viagem ao Bom Jesus do Monte—3. O teatro circo que vas ser inaugurado brevemente

não possuia, como o edificio das repartições publicas, a completar a Arcada, quasi em conclusão, o Asilo da Mendicidade,—obra soberba devida á generosidade do grande benemerito conde de Agrolongo, — o Teatro-circo, tambem a concluir, —



1. iniciativa d'uma empreza particular, á frente da qual se encontra o ilustre bracarense, sr. Candido Martins, e que ficará sendo o primeiro teatro do norte—e outras muitas edificações que inutil se torna mencionar. O largo de S. João da Ponte, que era ha pouco um trecho de terreno inculito, coberto de mato e de pedregulhos, está agora transformado n'um parque esplendido e será, no futuro, um dos pontos de reunião da sociedade bracarense, a bem dizer o seu jardim publico, tendo desaparecido o antigo pela necessidade de dar maior amplitude á Avenida da Republica. E o que se tem feito em administração municipal é simplesmente assombroso! Municipalisaram-se os serviços da água, da luz e da viação. A água é trazida do Cavado, por meio de poderosos maquinismos modernos; a luz é produzida pela estação central electrica, admiravel instalação construída recentemente, e que fornece energia para a iluminação da cidade, tração electrica e outros usos industriaes e de higienisa-



ção; está em construção um novo mercado e a tração electrica foi ha dias inaugurada com exito notavel, brevemente se devendo estender esse importantissimo melhoramento a outras terras circumvisinhas, como Barcelos, Ponte do Lima, Villa Verde, Guimarães e Gerez.

Agora o excursionista, o forasteiro, ja podem ir a Braga sem receios nem sobresaltos. Teem muito que ver, e podem ver tudc com extraordinaria co-



1. Chegada dos primetos electricos á praça da Republica—2. As despedidas da «Chocolateira» (antigo sistema de viação) — 3. Asilo de Mendicidade, grandioso edificio mandado construir pelo benemerito conde de Agrolongo.



Um aspecto da Central dos Electricos na occasião da inauguração

modidade, em automoveis ou em electricos, sendo estes dos mais aperfeiçoados que até hoje tem apparecido. Braga entrou finalmente no caminho do progresso e hauriu já uma abundante dose de civilisação.

E' de justiça confessar, contudo, que n'essa maravilhosa obra de transformação se empenharam alguns

dedicados amigos de Braga, entre elles se salientando, como figura culminante, o illustre presidente do municipio d'aquella cidade, major sr. Albano Justino Lopes Gonçalves. Ao seu esforço colossal, á sua tenacidade esclarecida e bem equilibrada se deve a realisação dos principaes melhoramentos que hoje se notam na capital do Minho. Nas terras pequenas, em que todos se conhecem, a intriga levanta-se muitas vezes

debaixo dos pés, a animosidade surge a cada recanto, avolumam-se os infimos defeitos a que nenhum homem pôde ser alheio e são apoucados, ou até escarnecidos, os meritos que illustam e evidenciam uma individualidade. E a verdade é que o major sr. Lopes Gonçalves tem palmilhado um caminho semeado de espinhos e abrolhos, não raro sentindo a alma ferida pelo agulhão da calunia. Traçada, porém, uma vez, a sua linha de conduta, vae avançando resolutamente, sem

esmorecimentos nem desanimos, com a coragem e a energia do homem que, tendo a consciencia tranquilla, está disposto a cumprir integralmente o seu dever.

Felizmente, os bracarenses vão já reconhecendo os beneficios da sua administração honesta e produtiva,

havendo a inauguração da tração electrica atingido o alto significado d'uma verdadeira e potente e áquello prestigioso homem de acção e de caracter. Homens como esse bem merecem dos seus concidadãos e do paiz, porque é ao seu trabalho persistente e valioso que se deve essa obra prodigiosa de renovação que se observa em muitas povoações de Portugal.

Quando Braga, como deseja o actual presidente do seu municipio, conseguir ligar com rede electrica e arborisar mais intensamente esse triangulo montanhoso—Bom-Jesus, Sameiro, Falperra—não só terá o direito de se apresentar como a terceira cidade do paiz, direito que já hoje lhe não é contestado, mas poderá ainda oferecer ao turista um dos mais vastos e maravilhosos panoramas da península.



A entrada dos convidados para a Central dos Electricos: ao centro o presidente da camara e os srs. dr. Manuel Rodrigues e Antonio Maria da Silva. («Clichés» do sr. Alvaro Martins).

29—X—914.

SOUSA MARTINS.

PÕ
DE **ABYSSINIA**
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina
Muito eficaz contra a
ASTHMA
Catarrho — Opressão
35 Anos de Bom Êxito,
Medalhas Ouro e Prata.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{os}
6, Rue Cambasie
PARIS
E BOAS PHARMACIAS

EU CURO A HERNIA

SEM O USO PERMANENTE DA FUNDA

Se V. está herniado ou conhece alguém que padeça da hernia, o meu método, de cura deve interessal-o. O meu método difere de todos os outros, no que não só contém toda a classe de hernias em uma forma



continua e segura com perfeita comodidade mas também faz formar um novo tecido na abertura da hernia, unindo assim o lugar roto, produzindo uma cura perfeita e permanente. Nenhum outro método fará o mesmo. Já tenho provado por varias vezes que o meu método cura depois das operações cirurgicas terem fracassado. Os meus pacientes curados tem-se exposto a exercicios fisicos mais rudes, os quees submetido a reconhecimentos medicos, os doutores certificaram a cura. Nenhuma pessoa herniada é muito joven ou muito velha nem nenhuma hernia é tão grave que não tenha cura.

Entre os muitos que se tem curado encontram-se os Srs. D. E. Rodrigues de Lima, morador na Rua dos Marnozos, AVEIRO, Portugal, comerciante de 34 anos de idade, e o Sr. D. D. Luiz da Maia, EXVENDOS (Beira Baixa) Portugal, um comerciante, que estava h. ralado havia 5 anos.

Não se demore V. a escrever-me quanto antes pedindo-me detalhes acerca do meu método e eu enviarei-lhe tambem uma amostra gratuita do meu medicamento franco de portes. Escreva-me já, antes que a sua hernia chegue ao estado de se estrangular e que uma operação seja o unico meio (não certo) de salvar a sua vida.—Dr. Wm. S. RICE (S 825), 8 9, STONECUTTER ST., LONDRES, E. C., INGLATERRA.

SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettem-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

A Fotografia das côres
com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais facil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as côres da natureza.

A VENDA

Almanaque Ilustrado d'O SEculo

PARA 1915

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Trabalhos de Zincogravura,
Impressão e

Fotogravura, Stereotipia,
Composição

Stereotipia

De toda a especie de
composição

Composição

e Impressão

De revistas, illustrações
e jornaes diarios
da tarde ou da noite.

FAZEM-SE NAS
OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inextinguivel perfeição

Zincogravura

e Fotogravura

Em zinco simples de 1.^a
qualidade, cobreado
ou nicklado.

Em cobre.

A côres, pelo mais recente processo—o de tricromia.

Para jornaes, com tramas especiaes para este genero de trabalho.

OFICINAS DA

Ilustração

Portuguesa

RUA DO SEculo, 43



“Au Bonheur des Dames”

A CASA MAIS ELEGANTE DE LISBOA

5—*Rua do Carmo*—7

(DEFRENTE DOS ARMAZENS DO CHIADO)

Inauguração da estação d'inverno

GRANDE EXPOSIÇÃO DE CHAPEUS
MODELOS, CHEGADOS
ESTA SEMANA DE PARIS

Sempre as mais recentes novidades
em artigos para
senhora

Produtos
de beleza

Perfumarias
Arte aplicada